



A servente Rosângela Ferreira do Nascimento, 24 anos, e a filha, Paloma, 4. Para demarcar o lote, elas passam as manhãs sob duas sombrinhas, dentro do terreno cercado por estacas de madeira e arame farpado

Sem-teto ameaçam resistir à retirada

Mais de 100 pessoas invadem área próxima à antiga Invasão de Brazlândia e dizem que só deixam o local se ganharem lote do governo

Philip Terzakis
Da equipe do Correio

Eles começaram a chegar no último domingo. Trouxeram lonas de plástico e cobertores. Demarcaram lotes de dez metros de largura por vinte metros de comprimento. Acamparam no local e se recusam a deixá-lo sem receber um lote do Governo do Distrito Federal.

A história é antiga e, agora, repete-se em Brazlândia. Mais de 100 famílias ocuparam área vizinha à Invasão de Brazlândia — que teve início em 1994 e hoje reúne 1.377 famílias em sete quadras, três das quais regularizadas ainda no governo Roriz.

A corrida ao lote começou quando o administrador da cidade, Jamil Francisco dos Santos, anunciou a

intenção de transferir parte da invasão para outro local. "Se o assentamento permanecer do jeito que está, poderá prejudicar lençóis subterrâneos de água", teme.

As áreas proibidas serão determinadas por estudos que ainda estão sendo feitos pelo Instituto de Planejamento Territorial e Urbano (IPDF), Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) e Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec).

A promessa do administrador da cidade de levar a população excedente para outro local acabou atraindo mais sem-teto. Eles esperam ser também beneficiados. A maior parte dos novos ocupantes já morava em Brazlândia. Mas teve gente que veio até de Goiás e do Mato Grosso do Sul.

RESISTÊNCIA

A disputa pela terra causa brigas diárias entre os invasores recentes. Cada lote tem que ser constantemente vigiado pelos interessados. Do contrário, o local pode ser tomado por outro ocupante. Segundo a comunidade, essa competição já causou até briga de enxada.

Vale tudo para demarcar o lote. Barraca de acampar, lona de plástico, pedaço de pau. Desde domingo, Rosângela Ferreira do Nascimento, 24 anos, e a filha, Paloma, 4, passam as manhãs sob duas sombrinhas, dentro de um lote cercado por estacas de madeira e arame farpado.

Durante a tarde, quando ela trabalha como servente de limpeza na Creche de Brazlândia, amigos a substituem na vigilância. "À noite, não fica ninguém. Aí, a gente tem que confiar no arame", diz. Rosângela mora na cidade, ganha R\$ 150 por mês e paga R\$ 80 de aluguel.

Outras famílias, entretanto, já estão morando na área. O desempregado Aldeci Pereira de Jesus, 25, a mulher e os dois filhos tiveram que



Garoto carrega folhas de madeira para ajudar os pais a construir barraco no lote ocupado

se mudar para a nova invasão. "Eu morava de favor nos fundos da casa de um colega em Brazlândia", afirma. Os quatro vivem de esmolas.

Um dos líderes da nova ocupação é

um morador da invasão antiga, Gerci Felício da Silva, 46. Ontem de manhã, ele vigiava o terreno que deverá pertencer ao filho. "Na minha casa já tem gente demais. Ele precisa conseguir o canto dele", diz o invasor.

Mas Jamil Francisco dos Santos não tem boas notícias para os novos ocupantes, apesar de pretender regularizar parte da invasão. "Estamos montando uma operação com o Serviço de Vigilância do

Solo (Siv-Solo) e a Polícia Militar. Eles não poderão ficar ali", adianta.

Jamil afirma que já começou a urbanizar a velha invasão. Por volta do meio-dia da quinta-feira, um cami-

nhão da administração, placa JFO 5897, prefixo 3408, foi visto por funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), que possui um prédio ao lado da área, descarregando cascalho.

O administrador não está sozinho na tentativa de regularizar o assentamento. Com bases eleitorais em Brazlândia, o deputado distrital José Ramalho (PDT) se declara um dos padrinhos da ocupação. Só que o deputado quer que todos os invasores permaneçam no local.

"Você não pode ser considerado invasor em seu próprio país. O meio ambiente não pode ser mais importante que o homem", argumenta José Ramalho. Se depender do deputado, a retirada do pessoal será difícil. A comunidade também não está disposta a ceder facilmente.

Com mulher e dois filhos na invasão, o desempregado Valdemir Barros Magalhães, 24 anos, é um dos que pretendem resistir à retirada. "Nasci em Brazlândia. Será que não tenho direito a um lote?", pergunta. "Se a polícia tirar, a gente volta."